

O Templo da Misericórdia



Caríssimos!

O Ano jubilar da Divina Misericórdia faz-me atento ao modo, com o qual, São Bento nos pede de viver este mistério, da nossa vocação e missão, de monges e monjas cistercienses. Aprofundaremos ainda o tema da misericórdia durante o Curso para Superiores, que se realizará em julho, o qual título é *Não desesperar nunca da misericórdia de Deus* (RB 4,74), e, certamente, também durante o Curso de Formação Monástica.

Em cada visita aos mosteiros, como aquelas que fiz, este ano, no Vietnã, Brasil, Etiópia e na Europa, este tema acompanha e orienta a minha *lectio divina*, e a meditação que procuro compartilhar convosco. À escola de Papa Francisco, a misericórdia deve ser para nós um critério de interpretação daquilo que vivemos, das circunstâncias, nas quais, nos encontramos, e em geral, da história das pessoas, das comunidades, da Igreja e do mundo inteiro. A humanidade em nós e ao nosso redor, como aquele homem assaltado, espancado e abandonado "meio morto" na estrada, tem urgente necessidade que Cristo, o Bom Samaritano, encarnando-se e morrendo na Cruz, se "faça próximo" para doar-nos, novamente, vida nova na sua Ressurreição (cf. Lc 10,30-37).

Em meio ao templo

Na Regra de São Bento, muitas passagens tratam da misericórdia de Deus, bem como também da misericórdia do abade e entre os irmãos. Nesta carta, gostaria de me concentrar em um ponto que, há vários meses, me faz meditar muito. Dizia a Poblet: "No capítulo 53 da Regra, que trata do acolhimento dos hóspedes, e portanto, daquilo que o mosteiro é chamado a ser para o mundo, São Bento prescreve que o abade e toda a comunidade, depois de expressar ao hóspede todos os sinais de acolhimento espirituais e materiais necessários, renovem para com o hóspede, o lava-pés transmitido-nos por Jesus. E, após este gesto, Bento pede que toda a comunidade cante um versículo do Salmo 47: '*Suscepimus, Deus, misericordiam tuam, in medio templi tui* – Óh Deus, recebemos a vossa misericórdia, em meio ao vosso templo' (Sl 47,10; RB 53,13-14). (...)

Para São Bento o mosteiro é, portanto, o templo da misericórdia de Deus. A comunidade se torna templo da misericórdia, quando se curva para lavar os pés da miséria dos próprios irmãos, irmãs e de todos. E é assim que um mosteiro acolhe a misericórdia de Deus para o mundo inteiro. O mosteiro, para São Bento, não é 'escola do serviço divino' (Prol. 45) apenas no sentido em que neste se aprende a servir a Deus, mas também, e

talvez sobre tudo, enquanto lugar, onde, se aprende a servir o homem *como* Deus o serve, como Cristo o serve, fazendo memória, portanto, de Jesus morto e ressuscitado por nós, do Filho misericordioso como o Pai, que o abade tem a vocação, a missão e a graça de representar, de rerepresentar constantemente aos seus irmãos." (Poblet, Homilia de Bênção abacial, 27/02/2016).

Notemos, antes de tudo, a reviravolta que São Bento introduz nesta passagem da Regra. Depois que o abade e a comunidade inteira, exerceram para com o hóspede, o serviço de misericórdia mais humilde, aquele de lavar os pés, os monges são convidados a cantar um versículo, no qual, se afirma que foram eles que receberam a misericórdia de Deus. Tocamos aqui, o mistério da misericórdia como Cristo anunciou e revelou: cada gesto de misericórdia para com o próximo, não poderá nunca superar a infinita misericórdia que Deus expressa para conosco. Mesmo quando lavamos os pés uns aos outros, ou os lavamos aos hóspedes, aos pobres, aos peregrinos, não devemos esquecer nunca, que Deus nos amou por primeiro, que Jesus nos lavou os pés por primeiro, com o dom de si mesmo na Cruz, na Eucaristia, com o Batismo e todos os sacramentos.

A vida monástica deveria sempre cultivar em nós essa consciência. Monge é aquele que se lembra, no momento em que está servindo os irmãos e irmãs, que é ele que, por primeiro, é servido, amado, perdoado por Deus em Cristo Jesus. Enquanto estamos dando, lembremos que estamos recebendo; enquanto amamos, lembremos que somos amados; enquanto perdoamos, lembremos que somos perdoados; enquanto oferecemos misericórdia, lembremos que somos nós a recebê-la. E não tanto dos homens, mas de Deus: "Óh Deus, recebemos a **vossa** misericórdia em meio ao vosso templo."

Esta memória é um louvor, uma "ação de graças", uma "Eucaristia", uma postura do coração que torna feliz e grato, cada serviço e cada paciência, na comunidade e para com os de fora. As obras de misericórdia espirituais e materiais que exercitamos pessoal e comunitariamente, não deveriam ser que o transbordar da misericórdia de Deus, sempre excedente a nossa medida, o nosso coração, o nosso merecimento. É como poder dizer a todos: posso dar-te tudo, até a vida, porque o Dom de Deus é sempre abundante e inesgotável. Como o exprime um versículo do Salmo 62 que repito-me, a cada manhã, levantando para ir à oração: "Porque a tua misericórdia (*hesed*) vale mais que a vida, os meus lábios cantarão o teu louvor!" (Sal 62,4).

São Bento coloca, portanto, esta consciência ao centro da nossa vida e da nossa vocação. Sabemos que, para ele, o Templo de Deus, a Casa de Deus, não é só a igreja, o oratório, mas todo o mosteiro, até ao ponto de pedir para tratar, como vasos do altar, cada utensílio de trabalho (cfr. RB 31,10). Tudo é sagrado na nossa vida e na vida de cada cristão, porque tudo é o Templo da misericórdia de Deus. A misericórdia de Deus, alcançando em Cristo, cada homem perdido, cada filho perdido, tornou o mundo todo espaço sagrado da Divina Presença. O mundo todo é, portanto, o Templo de Deus, lugar onde Deus vem, está conosco, cuida de nós e nos pede para ser acolhido como Misericórdia. Jesus Cristo é a misericórdia do Pai, que alcança sempre e em todos os lugares, toda a humanidade, e que deseja ser acolhido como tal.

O fato de que São Bento nos peça para lembrar deste mistério, não na igreja do mosteiro, nem mesmo na clausura monástica, mas onde o mundo entra no mosteiro, através dos

hóspedes, pobres, peregrinos, é justamente para nos educar a colocar ao centro da nossa vida, o acolhimento da misericórdia de Cristo, que torna sagrado o mundo inteiro. Somente assim, os lugares propriamente sagrados do mosteiro, os lugares propriamente monásticos, não serão "profanados" pela atitude farisaica de acreditar que Deus nos possa visitar e amar por outras razões que a nossa miséria e a sua misericórdia. Somente assim, o nosso ser consagrados pela Profissão monástica, não nos fechará na torre de marfim do nosso orgulho. São Bento nos lembra que somos monges e monjas, porque precisamos mais que todos, receber a misericórdia de Deus, lavando os pés dos outros. O templo do mosteiro não é o templo da justiça, nem da perfeição e santidade, mas o templo da misericórdia que o Senhor nos concede acolher para nós, entre nós, com todos e para todos.

A justiça de acusar si mesmo

A este respeito, me impressiona a insistência contínua nos apoftegmas dos padres do deserto, sobre o tema da acusação de si mesmos. Continuo a meditar um apoftegma onde Abba Poimen fala sobre sua comunidade: "Nesta casa entraram todas as virtudes, exceto uma; e sem esta, o homem resiste com dificuldade". Perguntaram-lhe qual era esta virtude, e disse: "Que o homem culpe a si mesmo" (cfr Apoftegmas, Série alfabética, Poimen 134).

Muitas vezes, nos encontramos em uma paralisação no caminho da nossa conversão pessoal e comunitária. Não se consegue nunca ir adiante, e se pergunta por quê. Porque tal pessoa ou tal comunidade não consegue nunca superar certos problemas? Porque estamos sempre do ponto de partida? Procuramos entender o que está errado e qual solução encontrar, depois de ter experimentado muitas outras inutilmente. Tornamo-nos como o profeta Balaão, que não vê o anjo que bloqueia seu caminho. Então, fica furioso e bate em seu pobre jumento, quando, na verdade, era ele quem deveria ver onde está o problema, até que o jumento recebe de Deus, o dom da fala para revelá-lo (cfr. Nm 22,21-35). Assim, também nós, também nossas comunidades, antes de querer a todo o custo, entender e resolver aquilo que bloqueia o caminho da nossa conversão, devemos começar com o reconhecer humildemente que o problema está em nós mesmos. O verdadeiro obstáculo da nossa conversão, está no fato que pensamos que não precisamos dela e que são os outros, ao invés, que deveriam mudar. O obstáculo está em acusar os outros, em vez, de nós mesmos.

No entanto, toda a tradição monástica, toda a tradição cristã, desde os padres do deserto a São Bento, São Bernardo, e assim por diante, até a Papa Francisco, não faz que transmitir-nos este ensinamento constante do Evangelho: justo não é quem não tem pecado, mas quem o reconhece em si mesmo e não acusa os outros. Em outro apoftegma o padre Anubis diz que há uma justiça que pode fazer desaparecer as falhas do irmão. Perguntam-lhe: "Qual é esta justiça?", e o ancião responde: "O culpar sempre a si mesmo" (cfr. Poimen, 98).

Evidentemente não se deve confundir a acusação de si mesmo, que nos pede a tradição monástica, com um doentil desprezo de si mesmo, cheio de escrúpulos e tristeza, contorcido sobre si, sem esperança e desejo, porque isso não abre, com humildade e confiança filial, à misericórdia do Pai bondoso.

A falta de vontade de culpar a si mesmos, a reconhecer humildemente o próprio limite e pecado, e as próprias infidelidades, leva a uma cegueira, que impede um olhar de amor e misericórdia para com os outros. Esta atitude, muitas vezes, conduz à divisão nas comunidades, ou à divisão de uma comunidade de todas as outras. A história da Igreja mostra-nos claramente, bem como a história, também recente, da nossa Ordem.

A gravidade desta posição, está no fato que quem não se acusa, quem não reconhece, humildemente, a própria miséria e o próprio pecado, a própria necessidade de conversão, permanece fechado à misericórdia, não faz experiência, e com o tempo se endurece, sempre mais, em uma concepção farisáica de justiça. Jesus revelou que a verdadeira justiça não consiste em crer-se justos, mas em reconhecer de não ser, porque isto abre o homem ao dom da misericórdia do Pai. E isto, até poucos instantes antes de morrer na Cruz, quando totalmente justificou o bom ladrão, crucificado ao Seu lado.

Entendi este ano, meditando sobre a Paixão segundo Lucas, para a homilia do Domingo de Ramos: "Discute-se sempre sobre a relação entre justiça e misericórdia. Agora, este ladrão, falando ao seu companheiro, afirma que a punição que eles estão sofrendo é justa. Ao invés, para Jesus, é injusta, porque Ele é inocente. O bom ladrão, antes de pedir a misericórdia, reconhece e afirma a justiça. E o faz aceitando de acusar a si mesmo. A nossa justiça consiste no acusar a nós mesmos, e não os outros. E é esta a justiça que é suficiente também para Deus. Deus não ama nos julgar, mas que nós mesmos nos julguemos com verdade e humildade. Quando em nós existe a justiça de acusar-nos de nosso mal, de reconhecer que não somos justos, então podemos, também, dar o salto da justiça à confiança na misericórdia de Deus. O bom ladrão aceita a justiça, mas mendiga a misericórdia. A sua humildade, que se acusa, que se confessa, merece a misericórdia que sabe de não merecer, a misericórdia do abraço de Cristo, que nos acolhe na comunhão eterna com Ele." (cfr. Lc 23,39-43; Homilia do Domingo de Ramos, Roma, 20/03/2016).

A intervenção de Deus

Porque esta atitude desobstrui as situações pessoais e comunitárias, que não progridem e não crescem? Simplesmente porque esta atitude abre a nossa vida e a vida das comunidades, e, portanto da Ordem, à intervenção de Deus, que é sempre uma intervenção onipotente e misericordiosa, uma intervenção sem limites no amar-nos, em dar-nos todo Si mesmo, em multiplicar os sinais maravilhosos que só Ele pode realizar em nosso meio. Como é maravilhosa a plenitude da vida eterna na comunhão com Ele, que Jesus dá ao ladrão arrependido! Como é maravilhosa a festa do pai para o filho que voltou para casa, reconhecendo-se indigno de ser chamado seu filho! Como é maravilhoso o Pentecostes para os discípulos, que haviam renegado e abandonado Jesus, e agora se encontravam no Cenáculo com humildade e arrependimento!

A misericórdia de Deus é um potencial infinito, de salvação e transformação, de nossas vidas e das nossas comunidades. Não devemos temer de reconhecer e acusar a nossa miséria, o nosso limite, porque isto abre as nossas portas à potência misericordiosa do Espírito Santo. A nossa miséria é um obstáculo somente quando não a reconhecemos, porque quando a reconhecemos, imediatamente, o Senhor a transforma em porta aberta, através da qual, Ele vem amar-nos e fazer-nos misericordiosos como Ele.

A acusação de si desobstrui as situações que não avançam, porque Deus não se contenta em apenas perdoar. Quer que do perdão se comece um novo caminho. Quantas vezes Jesus disse aos pecadores arrependidos: "Seus pecados estão perdoados, vai!". O orgulho é uma paralisia do caminho das pessoas e das comunidades. O perdão de Deus não é apenas uma lavagem que remove a sujeira, mas uma cura que nos permite caminhar e correr com Cristo, seguindo-o no caminho do bom Pastor misericordioso, que vai a reconciliar o mundo todo. Quem, reconhecendo a própria miséria, abre-se à misericórdia do Pai, inicia um caminho de reconciliação sem limites, seguindo Jesus, que reconciliou com Deus toda a humanidade.

Uma pessoa ou uma comunidade que caminham na reconciliação fraterna, estão sempre bem, mesmo se tudo permanece frágil, imperfeito e cheio de limitações. A reconciliação é como uma ressurreição constante, é a regeneração sempre nova do amor, o verdadeiro milagre de Deus entre nós e, através de nós, no mundo.

O amor de Cristo como projeto comum

São Bento nos pede, portanto, para lavar os pés dos outros, isto é, de servir e acolher todos, com a consciência que é a nós que o Senhor usa misericórdia. E quer que neste gesto simbólico, se expresse a natureza essencial e profunda do mosteiro, da comunidade como templo de Deus, como morada, na qual, se faz presente o Deus misericordioso, que cria e redime toda a humanidade.

Impressiona o absolutismo desta prescrição da Regra: "*pedes hospitibus omnibus tam abbas quam cuncta congregatio lavet* – tanto o abade, quanto a comunidade inteira, lavem os pés de todos os hóspedes" (RB 53,13). *Toda* a comunidade deve lavar os pés a *todos* os hóspedes! Prescrição exagerada, praticamente impossível de observar. Qual comunidade, com o seu abade ou abadessa, conseguiria lavar os pés a todos os hóspedes que vêm no mosteiro? Há algo de extremo neste pedido de São Bento. Um extremismo evangélico, o mesmo que perturbou os apóstolos quando Jesus começou a lavar seus pés. Extremismo evangélico do amor de Cristo: "Antes da festa de Páscoa, Jesus, sabendo que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim" (Jo 13,1). E como o lava-pés para Jesus foi a representação simbólica de sua morte na Cruz, da sua Eucaristia, da sua passagem deste mundo ao Pai, isto é, da sua Páscoa, também para nós, a prescrição de São Bento, deve significar, mais do que uma prática a ser realizada literalmente, uma postura do coração de viver, em todas as circunstâncias, e em todos os encontros, e de viver juntos, em comunidade.

São Bento nos pede para acolher do Cristo pascal, o lava-pés, como regra comunitária, como um projeto comunitário, como escolha evangélica de vida, que nos une a todos diante de todos. O abade e a comunidade são chamados a estarem unidos no projeto essencial e universal do amor de Cristo, do humilde amor de Cristo, que se fez servo de todos os homens, para permitir à misericórdia do Pai de entrar no mundo, tornando a nossa vida, as nossas comunidades, e todo o mundo humano, o templo do Deus misericordioso.

Esta prescrição da Regra é, portanto, uma provocação. São Bento parece não dar muita importância. Não a coloca no início da Regra, e não a consagra um capítulo especial.

Mas, justamente, por isso é importante, porque Jesus nunca impõe o amor como uma obrigação. O sugere humildemente à nossa liberdade, porque se ama verdadeiramente quando se é livre de fazê-lo.

Lavar os pés dos outros, não é por si algo impossível. Não requer grandes forças, grandes meios, muito tempo, grande virtude. É uma escolha do amor, do humilde amor de Cristo. São Bento, porém, faz coincidir esta escolha com a escolha da comunhão comunitária, da comunhão obediente aos superiores e aos irmãos ou irmãs, que é uma comunhão de projeto de vida.

Esta caracterização da vida monástica, São Bento a pede em toda a Regra, em todos os aspectos da nossa vida e vocação. Mas aqui, existe como uma síntese simbólica que se torna uma luz sobre todo o resto, sobre toda a vida fraterna, sobre todo o trabalho no mosteiro, sobre toda a vida litúrgica e sacramental, sobre todas as atividades e ministérios que uma comunidade cristã e beneditina, assume para seguir Cristo que transforma, com o seu amor pascal, toda a realidade humana.

O mundo é renovado por Cristo Redentor, na medida em que a aceitação do outro, de todos, se torna experiência do acolhimento da misericórdia de Deus. A novidade de Cristo, se manifesta onde o serviço ao próximo, se torna experiência gratuita e grata da misericórdia do Pai. O espaço humano se torna templo de Deus, porque em Cristo, descobrimos que aquilo que é verdadeiramente divina, aquilo que é verdadeiramente santa, é a caridade, porque Deus é caridade, Deus é misericórdia.

Esta sugestão discreta, humilde, da Regra, como do Evangelho, podemos tomá-la ou deixá-la. Somos livres. Mas quando a nossa liberdade pessoal e comunitária, não se abre a esta luz pascal, sobre verdade e plenitude da nossa vocação cristã e monástica, é como se tudo perdesse o seu centro de gravidade, que torna harmoniosa a vida. As pessoas e as comunidades, que não permitem ao projeto cristão fundamental, que é a Eucaristia, vivida, juntos, lavando os pés de todos, não podem fazer a experiência da misericórdia, que vem transfigurar a nossa vida e comunidade em templo de Deus, em lugar santo e sagrado, na caridade do Espírito Santo. Não por nada o Cenáculo, o lugar do lava-pés, da Eucaristia, é também o lugar de Pentecostes.

Diaconia, liturgia, comunhão

Poderia-se dizer que, para São Bento a comunhão, *koinonia*, respira com os dois pulmões da diaconia e da liturgia. O serviço de lavar, todos juntos, os pés de todos, anima o canto coral de louvor a Deus, pelo dom da sua Misericórdia, e é assim que a *koinonia*-comunhão da comunidade vive, cresce e se transmite aos outros. A comunhão é a misericórdia de Deus, que acolhemos servindo, humildemente, os outros e louvando a Deus. A comunhão é o templo de Deus, o lugar sagrado da sua presença, na qual, a Misericórdia Divina é experimentada na caridade fraterna e no louvor do Senhor. Poderia-se dizer que, a comunidade que procura a sua unidade na diaconia comum e missionária, a encontra e a vive na ressonância da liturgia. A passagem imediata do lava-pés ao canto coral do versículo do Salmo 47, demonstra que a diaconia torna-se, imediatamente, liturgia, oração de louvor a Deus. O serviço ao homem torna-se, imediatamente, serviço divino. Somos chamados a uma comunhão de misericórdia, que unifica não somente as pessoas entre elas, mas também tudo aquilo que fazemos com as mãos e com o coração, na ação e oração.

O fato de que São Bento peça que este gesto simbólico seja feito pelo abade, com toda a comunidade, nos revela também o sentido profundo da autoridade e da obediência na comunidade monástica. O abade não deve dirigir um exército ou um time de futebol, que deve vencer todos para ganhar o campeonato, isto é, um grupo de poder, uma sociedade fechada que procura o próprio interesse e próprio ganho, ou que trabalha somente pela sua bela imagem, mas uma comunidade de servos da humanidade, sobretudo da humanidade do "pobres e peregrinos" – hoje talvez se escreveria "refugiados e migrantes" – "porque neles, Cristo é recebido, mais plenamente" (RB 53,15).

Parece ouvir o eco da doce reprovação de Jesus à Pedro, que não aceitava que o Mestre estivesse entre nós, "como aquele que serve" (Lc 22,27): "Se não te lavar, não terás parte comigo" (Jo 13,8). E se o abade deve representar Cristo, o faz, antecedendo a sua comunidade no serviço de lavar os pés dos outros. Os superiores dos mosteiros, são chamados a anteceder e guiar os seus irmãos e irmãs, no caminho de uma caridade humilde e universal, consciente que é, sobretudo assim, que a comunidade vai ao encontro de Cristo e O acolhe, Ele, a Misericórdia encarnada do Pai.

Reconstruir templos de misericórdia

Em um mundo onde o ódio e a violência continuam a destruir a comunidade humana, semeando medo e desconfiança uns para com os outros; em um mundo onde, muitas pessoas estão peregrinando física e espiritualmente, em busca de uma habitação, de um sentido para suas vidas, o que tem de mais urgente a construir, se não comunidades que são verdadeiros templos da misericórdia de Deus? O mundo precisa que nós sejamos fiéis, para construir lugares, nos quais, a miséria humana e a misericórdia divina, possam se encontrar e se acolher uma a outra.

Penso na época de São Bernardo. Também naquele tempo, a sociedade sentia-se ameaçada, e Bernardo aceitou, também, de pregar as cruzadas. Mas seu principal empenho não foi a guerra, que faliu, mas a edificação material e espiritual de pessoas e lugares de misericórdia. É esta a melhor resposta à violência, ao terrorismo, ao medo do outro que invade a sociedade, mas também a melhor resposta a uma cultura desumanizada pela própria perfeição técnica, que esquece a dignidade e os desejos profundos do coração humano. Mais do que nunca, a missão é aquela de viver a nossa vocação no carisma de São Bento, para edificar juntos, moradas, nas quais, Deus possa habitar com o homem, e consolar a miséria de cada coração.

Que a Rainha e Mãe de misericórdia nos obtenha esta fidelidade e dedicação ao amor de Cristo, intercedendo por nós e por todos, como no Cenáculo de Pentecostes!



*Fr. Mauro-Giuseppe Lepori
Abade Geral OCist*